

# CURSOS PAGOS GERAM FORTE POLÊMICA NO ICB

Renata Menezes  
Jornalista



*Ganha corpo, no Instituto de Ciências Biomédicas, a discussão sobre a realização de cursos remunerados no âmbito da unidade. O Departamento de Fisiologia e Biofísica reuniu-se para apreciar o tema, que divide as opiniões dos docentes*

**S**ão pagos cinco dos seis cursos de pós-graduação sediados no Instituto de Ciências Biomédicas (ICB). Vem ganhando corpo a discussão sobre a realização de cursos pagos no âmbito da unidade. No final de julho, o Departamento de Fisiologia e Biofísica realizou uma reunião para debater o tema, evidenciando-se uma divisão entre os docentes.

Muitos dos professores que dividem os mesmos corredores do ICB não sabem da existência dos cursos pagos. Há quatro anos um ex-aluno da pós-graduação ministrou, nas instalações da unidade, um curso de esoterismo com 500 alunos pagantes. Embora questionável, a iniciativa foi aprovada nas instâncias competentes. O professor Fábio Bessa Lima, presidente da Comissão de Pós-Graduação do

*“Fisiologia do Exercício” e “Biologia Molecular” custam, para cada aluno, R\$ 280 mensais*

ICB, admite haver pouco controle sobre os cursos pagos.

Para evitar conflitos com os colegas que defendem a gratuidade dos cursos, os coordenadores dos cursos pagos preferem não se manifestar sobre o assunto. No entanto, apesar de algumas recusas iniciais, quase todos concordaram em conversar com a *Revista Adusp*.

A professora Nancy Rebouças, coordenadora do curso de atualiza-

ção em Biologia Molecular, explica que fica constrangida ao falar dele por estar vivendo um clima ruim com os colegas que têm posições contrárias. “Também defendo a universidade pública. Porém, quando se trata de um curso de atualização para o profissional formado que trabalha e tem sua renda, não considero que a gratuidade seja obrigatória. Pessoas que desejam fazer curso e não podem pagar sempre foram aceitas sem restrições”, argumenta.

Já o professor Luis Fernando Bicudo — coordenador, juntamente com a professora Marília Seelaender, do curso de especialização em Fisiologia do Exercício — considera que, se cultura e extensão fazem parte do tripé da universidade, a pós-graduação deveria ser gratuita, mas alguém precisaria arcar com os custos.

Os cursos oferecem diploma ou

certificado da USP. A exceção é o curso coordenado pela professora Rebouças: apesar de ser oficial, oferece apenas certificado de presença. “Era tão burocrática a emissão do diploma que vinha pelo ICB que achei melhor emitir um certificado de presença, porque os alunos estavam mais interessados no conteúdo do curso do que no certificado”, explicou.

Os cursos são administrados pela Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo (Fusp). Segundo os coordenadores dos cursos, a Fusp retém de qualquer valor depositado 10% para a fundação, 2,5% para a Reitoria e 2,5% para o ICB. De acordo com o professor Bicudo, a Fusp encaminha balanços mensais da movimentação financeira.

A segunda turma do curso de Fisiologia do Exercício, que tem duração de 12 meses, tem 45 alunos que pagam por mês R\$ 280,00, o que totaliza R\$ 12.600,00 mensais. Os coordenadores e professores convidados ficam com cerca de 50% deste valor. Além da quantia retida pela Fusp, o restante é para cobrir gastos com material, funcionários e impostos. O curso ainda cobra uma taxa de R\$ 150,00 de matrícula, e a receita apurada é reservada para a divulgação.

Quase da mesma forma é dividida a verba do curso de atualização em Biologia Molecular, criado em 1997 e ministrado duas vezes por ano durante cinco dias. Na última edição, o curso custou para cada aluno R\$ 280,00. Havia 80 alunos pagantes, totalizando R\$ 22.400,00. Deste valor, cerca de

## PROGRAMA INTERUNIDADES EM BIOTECNOLOGIA

O PPIB foi criado em 1991. Além do ICB, estão presentes no programa o Instituto de Biociências (IB), o Instituto de Química, a Escola Politécnica, a Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, a Faculdade de Medicina e a Faculdade de Ciências Farmacêuticas, bem como o Instituto Butantan (pertencente à Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo) e o Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT). Diversas instituições nacionais e estrangeiras colaboram com o programa, entre elas a Unesp e a Unicamp.

Em dez anos de atividades, ou seja, até 2001, o PPIB formou 81 mestres em biotecnologia. Os mestrandos são 100. O curso de doutorado do PPIB teve início em 1999 e conta atualmente com 59 alunos. O site do programa é <http://icb.usp.br/~biotec/>.

40%, já descontados os impostos, representam a remuneração da professora Rebouças, que ministra o curso. Além dos repasses à Fusp, houve despesas com divulgação, *coffee break* e aluguel do anfiteatro da USP.

O curso mais novo do ICB ainda não conseguiu se bancar. Coordenado pela professora Eugenia Constanzi, o curso de Terapia Gênica do Câncer não conseguiu mais do que 10 alunos, cada um dos quais paga R\$ 200,00. A primeira turma teve 30 alunos, mas 20 deles eram pós-graduandos e não pagaram. “Nossa idéia era atrair médicos, mas nosso grande público foi de alunos que estavam cursando a pós-graduação”, comenta a professora. O curso, aprovado pela Comissão de Cultura e Extensão da unidade e pela Pró-Reitoria, serviu para divulgar a área na comunidade e atrair alunos para o

laboratório.

No ICB ainda há cursos como o de Especialização em Anatomia Cirúrgica I e II, coordenado pelo professor titular de anatomia Bruno König Junior, aposentado desde junho de 2002. O curso está parado por falta de alunos. “O pessoal está sem dinheiro. Ministro este curso desde 1989 e é a primeira vez que tenho um aluno em uma turma e cinco na outra”, comenta ele. O curso custa R\$ 600,00 por mês. O professor tem outros projetos de cursos pagos, para os quais está esperando aprovação.

Registre-se, como contraponto à existência dos diversos cursos *lato sensu*, que o ICB tem forte participação no Programa de Pós-Graduação Interunidades em Biotecnologia (PPIB), que é gratuito. O programa é presidido pela professora Ana Clara Guerrini Schenberg, do ICB (*veja quadro*).